

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

**SUMMARIO:**—*O Mez de Outubro e o Santissimo Rosario.*—Secção Religiosa: *Importancia do sentimento religioso*, por J. C. de Faria e Castro; *As Filhas de Maria aos pés do Santo Padre—A Mensagem.*—Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão, XXII, Consequencias da reforma lutherana*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 15.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *As Irmãs da Caridade apreciadas por uma folha liberal franceza*, por Elias de Sampaio; *Pára aqui*, por um leitor da descrença.—Secção Litteraria: *Meus versos*, poesia, por Mattos Ferreira; *A Caridade*, poesia, por A. d'Almeida.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

**Gravuras:** *Arrojado projecto d'um templo na India; O Lagarto de Capuz.*

## O MEZ DE OUTUBRO

E O

### SANTISSIMO ROSARIO

**D**ESEJANDO o nosso Santo Padre Leão XIII, que a devoção do Rosario, tão bem recebida pelos fleis de todo o mundo, não afrouxe, antes se torne cada vez mais solemne e publica, fez que pela Sagrada Congregação dos Ritos se publicasse o seguinte:

#### DECRETO

Commovido pelos longos soffrimentos da Igreja e pela difficuldade dos tempos cada vez maior, o nosso Santissimo Padre Leão XIII não cessou, desde o começo do seu Pontificado, de excitar todos os christãos a que, pelo culto do Santo Rosario, glorificassem a Virgem Mãe de Deus e implorassem as suas misericordias. Entre os ensinamentos que, na primeira Encyclica sobre o Rosario, dirigiu ao mundo, dizia (1.º setembro de 1883) o Santo Padre:

«Em nossos dias temos tanta necessidade de soccorro divino como nos dias em que o grande S. Domingos levantou o estandarte do Rosario de Maria a fim de sanar os males da sua epocha. Este grande santo, esclarecido pelas luzes celestes, previu claramente que, para curar o seu seculo, não havia remedio mais efficaz do que aquelle que levasse os homens a Jesus Christo que é o caminho, a verdade e a vida, e os determinasse a recorrerem a essa Virgem, a quem foi dado o destruir todas as heresias, como a sua protectora junto de Deus. A formula do Santo Rosario foi composta por S. Domingos de modo, que são recordados ordenadamente os mysterios da nossa salvação, e esta materia de meditação é intermediada pela prece da saudação angelica, e por uma jaculatoria a Deus, Pae de Nosso Senhor Jesus Christo. Nós, que procuramos um remedio para os males da

nossa epocha, temos o direito de crer que, servindo-nos da mesma oração de que se serviu S. Domingos para beneficiar todo o mundo catholico, veremos tambem desaparecerem as calamidades que affligem o nosso tempo.»

Todo o mundo catholico obedeceu à vontade do Papa com tal enthusiasmo e concordia, «que se viu claramente qual o zelo religioso e a piedade de que está animado o povo christão, e qual a esperança que todos os fleis depositam no patrocínio da Virgem Maria.» (Encyclica de 30 de agosto de 1884). Ora, pôde com razão considerar-se como um fructo eminente d'esta esperança o

facto memoravel e providencial d'este anno, quinquagesimo do sacerdocio do nosso Santo Padre, a saber: esse admiravel exemplo da religião e da fé publica, essa lucha tão bella e tão nobre estabelecida em todo o mundo catholico entre os variadissimos testemunhos da alegria universal. Homens de todas as classes, ainda dos mais longinquos paizes do universo, se apressaram a rodear o Soberano Pontifice, successor de S. Pedro, de todas as manifestações de respeito: embaixadas, cartas, peregrinações vindas de remotos paizes, presentes de grande munificencia e dos quaes se disse com verdade serem inferiores na materia e no trabalho à generosidade dos offerentes. «Assim é que em tudo isto brilha admiravelmente a bondade e a omnipotencia de Deus, que nas grandes crises da Igreja a sustenta e levanta as suas forças; que concede consolações aos que combatem pelo seu nome; que nos designios da sua providencia, tira do proprio mal grande messe de bens. E brilha tambem a gloria da Igreja que mostra o caracter divino da sua origem e da sua vida, o espirito divino que a governa e de que vive, e que faz que os espiritos e os corações dos fleis se unam entre si e ao supremo Pastor da Igreja por um mesmo laço.» (Allocução Consistorial de 25 de novembro de 1887).

Ora, as nações catholicas que refle-

ctem n'isto e que ao mesmo tempo veem, na guerra movida contra a Igreja, as portas do inferno cada vez se tornam mais ferozes, as familias catholicas co-nhecem perfeitamente o quanto é necessario augmentar o fervor para com a poderosa Mãe de Deus, bem como esperar que, mediante o Rosario, dará proprio soccorro ao mundo christão e à Cadeira apostolica. Essas familias não esquecem que Deus quer fazer da continuação e do complemento dos seus dons «o fructo não sómente da sua bondade, mas tambem da nossa perseverança.» (Breve apostolico de 24 de dezembro de 1883).

Por isso, e para agradecer os beneficios recebidos e para supplicar com mais instancias a fim de obter outros, o Santo Padre ordena e exhorta vivamente que se pratique este anno tudo o que pelas suas Encyclicas e decretos da C. de Ritos (10 de agosto 1886, 26 de agosto 1886, 11 de setembro 1887) ordenou e aconsellhou nos annos precedentes com referencia à salutar devoção do Santo Rosario, especialmente no mez de outubro. E como já decretou muitas disposições tendentes a augmentar o culto lythurgico da Grande Virgem sob a invocação do Rosario, dignou-se ajuntar um novo complemento, decorando com *Officio proprio e Missa* a festa do Rosario, fixada no primeiro domingo de outubro, ordenando d'ora ávante que este officio seja recitado pelo clero secular e regular, conforme o modelo que, examinado e approvado por Sua Santidade, foi publicado, por ordem da S. Congregação de Ritos.

A. Card. Bianchi,

Prefeito da Congregação dos Sagrados Ritos.

Logar † do Sello

Lourenço Salvati,

Secretario da Congregação dos Sagrados Ritos.

Para se fazerem com fructo e proveito os exercicios do Santo Rosario,

recommendamos o utilissimo livrinho do Conego Hallez, traduzido pelo R.<sup>mo</sup> Snr. Padre Manuel Francisco dos Santos Peixoto, sob o titulo de—O MEZ DE OUTUBRO CONSAGRADO A NOSSA SENHORA DO ROSARIO.

Este livrinho, já bem espalhado, tem as seguintes approvações e indulgencias:

—Do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha, de Lisboa: 100 dias de Indulgencias a todo o fiel do Patriarchado, que o ler, e o distribuir pelo povo, afim de afevorar a devoção à SS. Virgem sob a invocação do Rosario.

—Do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo Primaz, de Braga: quarenta dias de Indulgencias a todos os fleis do Arcebisado que o lerem ou meditarem alguma parte d'elle, e por cada vez que o fizerem.

—Do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Bispo do Funchal: Recommenda muito o livro e indulgencia-o conforme suas facultades.

—Do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Nípolis: concede quarenta dias de Indulgencias a todas as pessoas que durante o mez de outubro resarem por elle o Santo Rosario.

—Tem ainda a approvação e recommendação dos Ex.<sup>mos</sup> e R.<sup>mos</sup> Snrs. Bispo de Angra e Bispo de Lamego.

Já veem nossos leitores que tem n'este precioso livrinho um manancial de graças; pois que, além das já não pequenas concedidas por Sua Santidade a quem resar o Rosario, tem ainda as que acima apontamos sendo os exercicios do Santo Rosario feitos pelo mencionado livro.

Vai na ultima pagina o annuncio.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Importancia do sentimento religioso

«Cumpro fazer do modo que as massas adquiram o conhecimento da religião. N'este proposito, aconselhamos o mais possível e expôr-se os elementos dos principios sagrados que constituem a philosophia christã...»

LEÃO XIII, Encyclica de 20 d'abril de 1884, sobre a maçonaria.

COM razão a civilização moderna é filha d'Athenas e de Roma: a primeira deixou-nos as mais requintadas lições de gosto e de delicadeza, nas obras do espirito e da imaginação; a segunda ensinou-nos a ordem, a disciplina, o governo.

E' d'Athenas que dependem a nossa litteratura e as nossas obras artisticas, é de Roma que conservamos as leis que disciplinam o exercito, que regularisam a metropole, que fixam as relações da vida social. Mas os ensinamentos

d'Athenas e de Roma, tão fecundos para a vida social e politica, quasi nada produziram para o progresso moral e para a vida superior da humanidade. Athenas creára os artistas, Roma, creára os cidadãos e os soldados; restava a criação dos homens, se assim me posso exprimir.

Ora o que faz o homem, não é nem a imaginação nem o gosto, nem até a energia e a disciplina; o que faz o homem, é a concepção e o amor da perfeição em tudo; é a concepção e o amor de Deus.

Ora, ao povo judeu foi dado o conservar atravez dos seculos, o sentimento religioso debaixo da sua forma a mais digna da nossa rasão.

E' do seio da sociedade Moysaica e pela interpretação de suas tradições, que floresceu o ensino religioso que dêra à sociedade moderna os seus mais nobres caracteres. Porque se nós os modernos estamos longe inferiormente dos Gregos como poetas, como artistas e como oradores, nós os excedemos muitissimo na concepção dos principios moraes que regem as nossas relações com a nossa consciencia e com o nosso Creador: menos artistas do que os Hellenos, os Christãos são mais verdadeiramente homens na accepção elevada da palavra.

Por consequencia, não se pôde conhecer todas as origens da civilização occidental, ignorar-se-ha os factos mais importantes da historia da humanidade, em quanto se não tiver o conhecimento da religião christã, dado substancialmente, sob uma forma didactica: e a exposição dos «elementos dos principios sagrados que constituem a philosophia christã» só os fornecem o Antigo Testamento e o Santo Evangelho.

E' d'isto mesmo de que nos temos occupado n'esta Revista; e a dar-nos Deus forças no proseguimento da tarefa, é d'isto mesmo—isto é, do estudo da historia da religião judia, da fundação, dos principios e da diffusão da religião christã, que continuará a occupar-nos. Pena é não termos penna elegante, como estudos sublimes temos a offerter aos nossos leitores aqui.

\* \* \*

A religião—isto é, o acto que liga o homem a Deus, é a mais elevada das manifestações da rasão humana. Só a religião é que pôde levantar uma barreira intransitavel entre o animal e o homem; atçar no homem o sentimento de sua origem celeste; desenvolver o gosto dos gosos desinteressados; em fim corresponder a este sublime appello: «Nem só de pão vive o homem.»

Portanto, é com grandissima alegria de reconhecimento que a rasão não

póde deixar de receber todas as tradições que lhe asseguram seus titulos de nobresa. Assim como no decimo seculo, em plena escolastica, um doutor da Igreja professava «uma fé buscando a rasão,» assim o philosopho do decimo nono seculo deve honrar-se «d'uma rasão buscando a fé»;—é o unico caminho para escapar às inspirações doentias da sensualidade, da ignorancia e do orgulho.

\* \* \*

Se é util que a sociedade contemporanea saiba precisamente todo o bem que ella deve à religião; força é o obstar esta sociedade de renegar as suas origens e o desconhecer os seus deveres.

Portanto, o que escrevemos para o publico, o consideramos um acto duplo: acto de reconhecimento filial para com a Igreja christã, e um acto de caridade em beneficio das massas ignaras que ainda podem estar a imaginar que certos homens inventaram a religião como a locomoção a vapor ou a iluminação a gaz para o serviço dos interesses sociaes.

Para os espiritos desgarrados, é necessario que lhes mettamos debaixo dos olhos a comprida serie dos factos simples e esplendidos que são a historia mesma da humanidade no que ella tem de mais nobre e de mais divino.

Sem duvida, o perfume natural da religião deveria ser bastante para attrair o coração dos christãos, mas para o bem das almas doentes e fracas, é conveniente accrescentar a este perfume o prazer da imaginação e do gosto, o encanto poetico e litterario. E' indispensavel o haver a recorrer-se a todos os remedios, pois que a irreligião é uma doença mortal de que devemos preservar-nos custe o que custe.

Com este intento, pôde-se estabelecer, com exemplos interessantes que todas as forças e facultades da alma poderão tirar grande lucro d'um commercio mais intimo com os homens e os escriptos do mundo religioso.

A' obra pois, porque o inimigo não está não sómente às nossas portas, mas estabelecido no baluarte... e com o pé prompto para esmagar, o que elles não conseguem nunca—o catholicismo.

\* \* \*

Eis aqui porque as regras essenciaes da composição historica são d'uma applicação facil no estudo do Christianismo: o Christianismo não tem nada que temer da luz do dia: elle é a doutrina d'Aquelle que disse: «Eu sou a luz»; a luz é pois o seu elemento e a sua vida.

Sinceridade, amor exclusivo pela verdade e pela justiça, quem praticaria

estas virtudes christãs, a não ser o historiador christão? Para servir utilmente a religião e a Igreja, cumpre apenas fazer-m'o-nos os obreiros da verdade; a verdade tem clarões triumphantes e uma eloquencia irresistivel.

Em summa, profundo respeito pela razão humana e suas aspirações, amor exclusivo pela verdade, escolha escrupulosa nos pensamentos e nas palavras que podem melhor servir a causa da verdade e da razão, taes são os sentimentos que me inspiram estes estudos sobre a religião, historia e moral.

A recompensa do meu labôr, estará no gráu elevado de proveito de que d'estes preciosos fructos colherão os que me lerem.

J. C. de Faria e Castro.

### As Filhas de Maria aos pés do Santo Padre

*Mensagem lida pela Presidente da peregrinação das Filhas de Maria diante de Sua Santidade.*

«SANTISSIMO PADRE:

**Q**UANDO OS Apostolos intentaram afastar de Jesus aquella multidão de creancinhas, que d'Elle, para o verem, se acercava, disse-lhes: *deixai vir a mim os pequeninos;* e ao tel-os junto de Si, abençoava-os e acariciava-os com paternal bondade.

Vós, Santissimo Padre, que com tanta gloria copiaes as virtudes todas do Divino Mestre, que Vos escolheu para Seu Vigario, ah! estendei a misericordia do Salvador sobre nós e permittide a Representação das Filhas de Maria de todo o mundo, reunidas em derredor de Vossa Augusta Pessoa, vos expresse os seus sentimentos de adhesão e amor.

Desde os ardentes areaes da Africa ás gelidas plagas de Australia; da Europa, Asia e America, as Filhas de Maria Immaculada e de Santa Ignez Virgem e Martyr impulsionadas pór nobres sentimentos de respeito e amor para com a Igreja catholica e seu Augusto Chefe, dois annos ha que impacientes suspiravam por este venturoso dia, em que podessem unir-se ás manifestações do universo inteiro e solemnizar por seu turno com a maior pompa possível Vosso faustosissimo Jubileu Sacerdotal. Oh! com que jubilo temos acudido de todas as partes do orbe para manifestar-Vos os sentimentos de nossos corações e os de tantas irmãs nossas, que embora muito distanciadas de Vós n'este momento, desejariam que em suas

differentes linguas Vos expressassemos seu ardente amor e a homenagem das fervorosas e perennes supplicas que por Vossa Santidade como nosco dirigem de continuo a Deus. Em meio, porém, do immenso jubilo que inunda e embriaga nossas almas, allige-nos sobremodo o não saber expressar em nossa rude linguagem e desprimorada phrase tudo o que nossas almas pensam, todo o amor que sentem nossos corações para interressar completamente Vossa augusta benevolencia em nosso favor; confiadas, porém, em Vossa summa bondade e caridade, não duvidamos, Beatissimo Padre, que as humildes manifestações de fidelidade e amor que ousamos expressar, são mais que sufficientes para que a extendais abundante e profusamente sobre todas nós. Se nos fosse licito enumerar circunstanciadamente, Santissimo Padre, o sem numero de sacrificios que o amor para com Vossa Augusta Pessoa tem suscitado a milhares e milhares de jovens, todas ellas fervorosas Filhas de Maria para contribuir, não olhando a trabalhos nem despezas, para esta demonstração universal, não lograríamos senão demonstrar-vos muito imperfeitamente uma pequenissima porção do grande amor que por Vós sentimos. Oh! bem felizes nos considerariamos, Santissimo Padre, se fosse dado a todas e a cada uma de nós indistinctamente o poder testemunhar com outras provas nossa adhesão, sacrificando até, se tanto necessario fosse, nossas vidas para arrancar-vos da oppressão com que vos vexa e avilta a brutal revolução, e das angustias que tanto amarguram e desconsolam Vosso coração magnanimo. Não duvidamos que nossos corações teriam santo e generoso valor para arrostar todas as provas a que por Vós nos quizessem sujeitar, e para todas nós seria sempre grato e doce padecer e morrer por Vós.

Desejando ardentemente, porém, Santissimo Padre, que durante todos os dias de Vossa preciosa vida conserveis affecto de protecção e amor para com nossa piedosa Associação, resolvemos offerecer-Vos uma dadiva que seja peñhor constante e permanente dos protestos d'amor, que acabamos de fazer na Vossa augusta presença.

De Turim, cidade do Sacramento, partiu a ideia d'esta dadiva, e mal se concebeu, começou-se logo a bordar a mão com ouro e seda o frontal-tapete, que tivemos a grata consolação de offerecer-Vos. Ousamos esperar que será immediatamente collocado no altar em que quotidianamente offereceis o Santo Sacrificio da Missa pela salvação de todo o mundo, pois para tal fim se destinou, precedendo as necessarias e convenientes medidas.

Agora, pois, Beatissimo Padre, se to-

das nós anciamos, vivissimamente obter Vossa Benção para nós e para nossas queridas familias, não appetecemos menos alcançal-a tambem para todas as jovens ausentes, cujos nomes vão impressos no Album, que Vos offerecemos. Muito afastadas de nós, invejam a sorte que gozamos n'estes momentos, e anxiosas e irrequietas aguardam a noticia de que nos temos recordado d'ellas perante Vós, e que para ellas temos solicitado a Vossa Santidade as mesmas graças que para nós humildes e reverentes pedimos.

A apostolica Benção, que com toda a viva fé de que somos capazes para nós e para nossas irmãs ausentes, Vos pedimos prostradas a Vossos pés, seja para todas penhor seguro de abundantissimas graças e celestiaes favores.»

Durante a leitura d'esta terna mensagem, escreve pessoa que assistiu á audiencia, mais de uma vez vi soluçar as Filhas de Maria alli prostradas, e por vezes, nas faces do Santo Pontifice, observamos lagrimas de ternura ao ouvir os protestos sinceros de adhesão e amor que lhe dirigiam as suas filhas queridas.

Quizeramos dar aqui todo o discurso, com que Sua Santidade respondeu a Mensagem das devotadas filhas da SS. Virgem, mas não o podendo fazer, limitamo-nos a transcrever o principal, para que se conheça o apreço em que o Vigario de Jesus Christo tem a Pia União das Filhas de Maria, e para levar a alegria a todos esses corações que por todo o mundo pulsam sob a protecção da Medalha da Pia União.

Escutemos as palavras do Santo Padre:

«E ao defrontar com este quadro tão bello que offereceis, não podemos deixar de levantar Nosso pensamento e coração a Deus que nos da esta consolação em meio das multiplices perseguições de que é alvo a Santa Igreja em nossa Sagrada Pessoa, e agradecido podemos repetir hoje as palavras do Propheta: *lix ore infantium percipisti laudem propter inimicos tuos,* visto que inimigos jurados de Deus são os que perseguem e opprimem o Papa.

«E por isso, accrescentava, experimento immensa consolação de receber estas homenagens de jovens, que com amor e gratidão se gloriam de intitular-se Filhas de Maria, porque conheço a fundo a Associação e o que são as verdadeiras Filhas de Maria; sei por experiencia os abundantissimos fructos, que nas familias espalham estas jovens, que rodeadas de todos os attractivos com que o mundo as enamora e seduz, se afastam de suas loucuras e dissipam



ARROJADO PROJECTO D'UM TEMPLO NA INDIA

ções para viver uma vida retirada e muitas vezes obscura em meio da corrupção do seculo; e ao mesmo tempo que se esmeram e afadigam em copiar as virtudes da que tem escolhido de um modo especial por Mãe, trabalham incessantemente com seu bom exemplo e constante paciencia para apartar de suas familias o que o inimigo n'ellas haja introduzido, e impedir que se propague e se infiltre n'ellas o que é contrario á Santa lei de Deus e ás prescripções da Egreja.»

O Santo Padre exaltou sobre tudo, durante o seu discurso, a singeleza da organização e das praticas da Pia União, não se esquecendo de recommendar-lhes o espirito que deve animar toda a Filha de Maria, *que deve afastar-se de perigosos espectaculos, de bailes, etc., onde muitas vezes naufraga a innocencia e a virtude das jovens christãs.* Ahí deixamos a maior gloria que tem alcançado as Filhas de Maria de todo o mundo, não nos soffrendo o animo que fechemos estas poucas linhas sem que

nos orgulhemos de ser ecco de tantas manifestações, por parte da maior potencia da terra em prol das humildes filhas da Virgem, que passam na terra praticando o bem, esquecidas (é o que lhe vale) de algum papa que só tem maldições que arremessar-lhe.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos  
perante a razão

XXII

Consequencias da reforma  
lutherana

(Continuado do n.º anterior)



DESMEDIDO afão de augmentarem a sua auctoridade converteu ao lutheranismo certos principios: e não sendo possível referir quanto apparece na historia sobre semelhante assumpto, porque seriam necessarias muitas paginas, só recordaremos a destreza com que Alberto Brandembourg explorou tal desordem.

Era este principe gran Mestre da cavallaria Teutonica, possuidora d'uma parte da Prussia, ainda que feudataria á Polonia, conjunctura que o ambicioso cavalleiro tão opportunamente aproveitou para converter em seu proveito o territorio da sua Ordem, formando d'elle um principado hereditario: a apostasia do gran Mestre não teve outra causa que o motivo de ambição.

Philippe de Hesse era casado com Christina de Saboya, mas appetecendo torpemente Margarida de Sial, resolveu duplicar o seu matrimonio, e levou a effeito o adultero capricho apesar das supplicas e do pranto de sua legitima esposa e de seus oito filhos.

Luthero auctorizou esta bigamia, os graves ministros reformados presenciaram a solemne cerimonia, e o principe desde aquelle dia frequentou devotamente os templos protestantes, acompanhado das suas duas mulheres. Imitaram este exemplo impuro outros senhores e não poucos plebeus, e particularmente os monachos convertidos em pastores da nova igreja, que aceitavam a reforma para satisfazer as suas lubricas paixões.

Os Apostolos combatiam o roubo e a dissolução, e em defeza de moral tão pura soffreram perseguições e tormentos. Compare-se este proceder com o procedimento de Luthero, que adula os vicios dos seus protectores, destroe o direito de propriedade sancionando o despojo dos bens ecclesiasticos e fazendo-os mudar de dono sem titulo legitimo, auctorisa a bigamia, os matrimonios sacrilegos e incestuosos, e casando-se elle mesmo, demonstra finalmente a sua miseravel incontinencia.

Não deve estranhar-se que uma moral tão relaxada fizesse os progressos que a Europa lamentou. Mafoma empregou eguaes meios para propagar o islamismo, e ainda que ha perfeita analogia

entre a sensualidade d'estes dois sectarios, o chefe dos arabes teve mais nobreza e maior valor. O Agustino apostata foi grosseiro e torpe na sua pregação, nas suas obras de estylo burlesco e tosco, e na sua mesma incontinencia: manifestou extremada cobardia fugindo de phantasticos perigos, que lhe faziam suspender a sua loquacidade portentosa e os seus insultos habituaes até que se considerasse seguro e fóra do alcance de sonhadas perseguições e molestias, pois ninguem ignora que lhe permittiam escrever tranquillamente os maiores sophismas contra o dogma.

Como o baptismo era na seita lutherana o unico titulo preciso para exercer todas as funcções ecclesiasticas, não faltaram logo parochos e pregadores feitos de artistas ignorantes e de camponios rusticos, que largavam a tesoura ou o arado pelo pulpito, interpretando as sagradas Escripturas do modo mais grotesco e arbitrario. Entrava-se na discussão de difficeis questões theologicas com a mais incrível levianidade, e o improvisado ministro pregava audaciosamente sobre os attributos divinos, deveres do christão, divindade de Jesus Christo, livre arbitrio, e sobre todas as doutrinas reservadas ao diffilil conhecimento das sciencias moraes e do dogma, chegando a ensinar-se como sancta e conveniente até a torpe polygamia e quantos delirios inventavam aquelles entendimentos sem cultura nem instrucção alguma.

D'aqui nasceu um estado permanente de anarchia, as desordens e excessos populares e o fanatismo de Munzer, que se imaginou inspirado e com auctorisação divina para exterminar do mundo os incredulos.

A discordia invadiu igualmente o campo da sciencia, porque os ministros lutheranos criaram escholas differentes e encontradas, e não lhes foi possível conciliar as suas opiniões sobre os pontos essenciaes d'aquella theologia, negando-se obstinadamente cada um a aceitar criterio opposto ao seu. Carlos-tadio declarou-se sacramentario, e criou uma seita rompendo com Luthero do qual tinha sido entusiasta admirador. Zwinglio, Munzer e Pelargue abandonaram tambem a eschola lutherana para criar o Anabaptismo, que ben depressa chegou a subdividir-se em opiniões distinctas, sustentando cada um o seu ensino differente, e interpretando de diverso modo as sanctas Escripturas. Calvino pela sua parte organisou a igreja de Genebra, opposta em dogma a disciplina e independente da de Witemberg.

Luthero bramava de colera contra os seus discipulos rebeldes, escrevendo aos christãos de Augsburgos as seguin-

tes palavras, que mostram toda a anarchia e confusão que reinava entre os seus... «O diabo metteu-se no meio de nós, e todos os dias me envia creaturas que chamam á minha porta, para me dizerem umas que não se querem baptisar e outras que não admittem a eucharistia. Sai um annunciando-me que antes do juizo final se creará outro mundo, d'outro lado vem outros sustentando novas sandices: ha tantas opiniões como cabeças. Verdadeiros avestruzes, que se sonham crêm-se illuminados por Deus, ou quando menos seus prophetas.»

Os doutores Lutheranos, Zwinglianos e Buceranos, desejando uma concordata, celebraram reuniões em Augsburgos; mas saíram d'ellas profundamente malquistados uns com os outros por causa das grosseiras interpeilações que fizeram.

E' tão curiosa como pouco edificante a leitura d'aquellas conferencias, em que os antigos lutheranos, divididos já em Anabaptistas e Sacramentarios, empregavam menos razões theologicas do que insultos pessoaes, recriminando-se mutuamente de avareza, roubos de igrejas, e de vida vagahunda e devassa com freiras fugidas dos claustros, etc.

Assim levantaram elles proprios o veu que cobria a immunda moral da igreja reformada! Reformadores dos costumes publicos era como se chamavam a si proprios esses homens que sem pudor nem vergonha viviam uma vida submersa no lodo dos vicios!...

Nos imos referindo as suas obras, e a historia d'aquelle seculo turbulento confirma o que deixamos dito. Ella conserva repetidos exemplos do fanatismo immoral que professaram aquelles regeneradores da evangelica pureza, alguns dos quaes indicaremos no capitulo seguinte para que se possam comparar com a nobre caridade de João de Deus, Vicente de Paulo, Francisco Xavier e mais heroes da religião catholica. Onde guarda a reforma os nomes dos seus martyres e missionarios? Onde estão os grandes bemfeitores da humanidade que saíram das suas fileiras? Será porventura Rothman? Este desgraçado padre era parcho de Munster quando abandonou a religião catholica para se converter no criminoso mais louco e furioso entre os predicantes evangelicos.

O novo ministro da seita impugnava com grosseiro furor os dogmas que anteriormente professara, enchendo ao mesmo tempo de escandalo e de horror a cidade com a sua cynica depravação. Aquelle padre postulante descia do pulpito para se abandonar aos vicios mais immundos: eram publicas as suas relações criminosas com a esposa

do syndico Weger, e casou-se publicamente com ella depois de envenenado o infeliz que teve a desgraça de casar-se com aquella ferocissima creatura, e de conceder a sua amizade e confiança ao perverso miuistro evangelico, monstro de dissolução.

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

15.º

(Continuado do n.º anterior)

XXVI

P. João Mariana

**N**ASCEU este grande homem em Talavera (Hespanha), no anno de 1534, e na idade de 20 annos entrou na Companhia de Jesus. Foi o maior homem do seu seculo, distinguindo-se nas bellas lettras e no conhecimento do grego e hebraico, na theologia, na historia ecclesiastica e profana.

Ensinou estas sciencias em varios collegios da sua Ordem, na Hespanha, em Roma, na Sicilia e em Paris, com grande reputação.

O Cardeal Cesar Baronio, da Congregação do Oratorio e seu contemporaneo, o denomina *optimo amante da verdade, escriptor imparcial, mestre da piedade, digno professor da Companhia de Jesus*. E' um testemunho irrecusavel d'um homem competentissimo.

Não foi menos admiravel em virtudes religiosas: possuia grande pureza e honestidade, rara abstinencia e insigne fortaleza. Falleceu em Toledo a 17 de fevereiro de 1624, com 90 annos de idade.

O jesuita Mariana escreveu muitas obras em latim e hespanhol, immortalizando o seu nome como historiador de Hespanha. A sua obra *De rebus Hispaniæ*, que elle mesmo traduziu do latim em hespanhol, é um monumento da sua gloria, pela nobreza e elegancia do estylo, pela sua justeza e imparcialidade. Por este motivo é comparado aos mais famosos historiadores da antiguidade, e geralmente cognominado o *Tito Livio da Hespanha*.

Alguns criticos severos teem querido encontrar em Mariana grandes defeitos em chronologia, geographia e historia; mas taes criticas nem sempre são justas, e, suppondo mesmo que o sejam, nada d'isso tira o merecimento reconhecido da sua obra; pois que nenhum

historiador ha que se possa julgar exemplo de eguaes fallas.

Em todo o caso é certo que o P. Mariana pela sua historia collocou-se ao nivel dos mestres da antiguidade, como affirmam todos os criticos antigos e modernos.

Mas este sabio jesuita não alcançou nomeada sómente pela obra que acabamos de indicar: ha dous livros que se lhe attribuem, e que são citados pelos inimigos da Companhia de Jesus; por um livro, é elogiado; por outro, é accusado; e por ambos, é censurada a Ordem de Santo Ignacio.

Vejamos o que ha a este respeito.

Mariana escreveu o livro *De regis et regis institutione*, por ordem de Philippe II, rei da Hespanha, para a educação de seu filho que depois lhe succedeu no throno. N'esse livro parece que defende o regicidio.

Dizemos *parece*, porque não temos essa obra, e alguns criticos dizem que n'ella o jesuita não apresenta nenhuma doutrina sediciosa.

Parece incrível que um homem tão douto e virtuoso, como realmente era o P. Mariana, admittisse similhante opinião. Mas deve-se dizer, em honra da Companhia e para eterno desdouro dos seus inimigos, que o Geral Aquaviva logo reclamou contra aquella obra, e foi immediatamente correcta. Muitos jesuitas a refutaram; mas os herejes a reimprimiram com a doutrina reprovada. D'outra sorte nunca mais se saberia que o jesuita Mariana havia defendido tal opinião.

O mesmo auctor a reprovou, obedecendo à censura do seu geral, como religioso perfeito e verdadeiro filho de Santo Ignacio.

O outro livro intitula-se *Dos erros que se dão no governo da Companhia de Jesus*. Publicou-se depois da morte de Mariana.

Ora todos os escriptores de senso consideram esta obra parto supposto do jesuita. Uns dizem que elle foi inteiramente estranho à sua composição; outros affirmam que a escreveu sim, mas que lhe foi roubada e publicada com alterações e addições alheias à mente do auctor. Não pôde, portanto, tal obra attribuir-se ao P. Mariana.

Em todo o caso essa obra não gosa de auctoridade alguma, porque foi condemnada por Urbano VIII a 11 de abril de 1628.

Eis aqui a que se reduzem as accusações contra o P. Mariana, homem douctissimo e virtuoso, mas sujeito ao erro como outro qualquer homem.

Quaesquer, porem, que fossem os seus erros, elles em nada affectam a Companhia de Jesus.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

### As Irmãs da Caridade apreciadas por uma folha liberal franceza

**E**M meio das pedradas que a garratada arremessa às heroicas Irmãs da Caridade, encontra-se tambem o que as consciencias livres, o que peitos agradecidos, o que o cavalheirismo lhe faz cair aos pés—as flores purissimas com que a posteridade hade coroar as frentes das Virgens da Caridade.

Se o pedantismo engravatado às vezes lhe faz corar de pejo o rosto, latindo-lhe aos ouvidos, quando ellas, as victimas do dever e da abnegação, percorrem as ruas das nossas cidades; se nos artigos mais pedantes ainda, com que o sevandijismo politico de Portugal, tenta, ainda que em vão, pôr em duvida a virtude e o amor pelo bem que ardem n'esses peitos heroicos que a polbre estamenha cobre; quantos brados, ao mesmo tempo se erguem, em volta d'ellas, de santo e puro reconhecimento; quantos applausos freneticos pelos seus feitos que espantam este seculo egoista e mau; quantos desejos abafados no peito dos pobresinhos, que as encontram nas ruas, de se lhe prostrarem aos pés e beijar a fimbria d'aquelle habito, que elles vian, de noite, nas horas do repouso, apparecer-lhe à cabeceira do leito, envolvendo um corpo franzino quasi sempre, mas com uma vontade de ferro a impulsional-o, a dar-lhe forças para arrostar com todos os horrores d'uma enfermaria infecta, lembrando-se só de que está ali para ser o alivio dos pobresinhos de Christo?

E não só isto, mas ainda a aureolar-lhe as frentes magestosas as opiniões de centenaes, de milhares de escriptores a proclamar por todo o mundo o que a humanidade lhe deve, e apontando-as como os vultos mais gigantes da geração actual, como os modelos mais finamente esculpturados pelas donzellas christãs dos primeiros seculos, que de frente erguida e à cruz abraçadas, caminhavam risonhas para o sacrificio.

Ainda ha pouco um jornal francez, o *Constitucional*, que pelo nome bem mostra não ser dos jornaes *ultramontanos*, como soem dizer dos que defendem as leis da Igreja; o *Constitucional*, pois, dizia, não ha muito, o seguinte, fallando da guerra que se faz às Irmãs da Caridade:

«Quer-se a todo custo arrancar das mãos das Irmãs da Caridade o serviço dos hospitaes. Pois não de fazel-as boas. Alguns conselheiros municipaes de Pa-

ris tentaram ha tempos substituir as religiosas por enfermeiras seculares, mas a tentativa, como todos sabem, não surtiu um exito feliz. A assistencia publica, que não quiz deixar-se arrastar por simples enthusiasmos partidarios, declarou que não podia contentar-se de palavras bonitas, que carecia antes de tudo de garantias para o bom servico dos hospitaes, e que em quanto não houvesse um estabelecimento regular apto para crear enfermeiras seculares, capazes e em numero sufficiente, conservaria as religiosas que se prestam admiravelmente.

Por este facto se levantou um grande tumulto e sussurro no campo dos livres pensadores; a refeição diaria de padres e freiras nas columnas dos jornaes augmentou consideravelmente, e em fim se occuparam de fundar um estabelecimento destinado a formar enfermeiras seculares para substituir as pobres Irmãs. O estabelecimento funciona e já dá resultados, e isso é uma bella cousa. Quantas mais enfermeiras houver, seculares ou religiosas, melhor se attendêrã á necessidade, pois nunca serão de mais as mulheres que se dedicarem a tratar dos doentes. Mas o que mais importa não é isso. O que interessa é saber se as enfermeiras seculares estão á altura das enfermeiras religiosas. Assistir os enfermos é um mister cheio de desgostos, de fadigas e de perigos. Em tempos ordinarios o servico ainda é facil, mas quando é necessario ver a prova é em tempo de cholera, ou quando o typho recrudesce. Então é preciso ter grande coração para resistir á dura prova. O espirito de dever pode ser que anime as enfermeiras seculares, mas é muito difficil que na hora do perigo não se lhes apresente diante dos olhos a imagem do marido, ou dos filhos, ou que á sua imaginação não acudam outros affectos e interesses que tem sobre a terra. Que angustia, que fraqueza, não será muitas vezes o resultado d'esta lucta moral! A Irmã da Caridade, pelo contrario, abandonou tudo, nada tem que a prenda á vida. A morte para ella é a liberdade. Vae ao encontro da morte como os antigos martyres, com confiança, e até com alegria. Não a prende nenhum affecto terreno, não tem na vida outro fim senão o dever, outro guia senão a fé. A Irmã não hesitará nunca. Eis aqui o que constitue a sua superioridade sobre a enfermeira secular.

Os que n'isto não accreditam, não tem senão a experimental-o. Os senhores devoradores de freiras, em lugar de andar a gritar aceitem um desafio. Façamos uma prova. Não faltam terras das nossas possessões onde grassa a peste e onde morre muita gente. Pois bem, abra-se um arrolamento para man-

dar-se enfermeiras para aquellas regiões. Determinada a epocha fixada para se apresentarem as heroínas, contaremos as seculares e as religiosas. Ver-se-ha de que lado está a abnegação, o amor da humanidade, o espirito de sacrificio. Olhem lá se se atrevem a fazer esta experiencia.

Façamos ainda outra aposta. Dê-se ordem ás enfermeiras seculares de partir sem demora para o Tonkim ou para o Senegal. Vereis como ellas respondem com mil razões de impedimento: dirão que ficarão de boa ventade em Lariboisière ou em Beaujon, mas que lá para essas terras é impossivel partir. Ora dizeti ao mesmo tempo a cincoenta religiosas que partam em vinte e quatro horas, e nem uma só hesitará. No dia seguinte vel-as-heis todas promptas para partir. E não admira: é esta a sua missão; existem para isto.

O que são e o que valem as religiosas é cousa tam notoria que um grande banqueiro israelita, tendo fundado ha pouco um hospital destinado para israelitas, quiz que o servico fosse confiado exclusivamente a Irmãs da Caridade.

Desenganemo-nos.

Na guerra não se quer soldados que gritem: minha mulher! meus filhos! meus negocios! Precisa-se de quem não tenha outro grito senão este: minha patria! meu dever! No primeiro caso, podemos estar certos que, de cada dez soldados, nove hão de ter uma grande vontade de esconder-se detraz d'uma arvore ou no fundo d'um barranco quando assobiam as balas: no segundo vel-os-hemos todos correr ao assalto como leões, e procurar vencer ou morrer.

N'este ultimo caso estão os frades e as freiras.

Olhem lá se arranjam que alguém por dinheiro faça o que fazem as religiosas. Em tempos de perigo podem estar certos de que ninguem achará sufficiente qualquer salario, quando este se puzer na balança juntamente com o risco que se corre.

Por todos estes motivos, e por muitos outros ainda, que demasiado longo seria enumerar, procederá sabiamente quem apoiar e defender as religiosas a despeito de todos os clamores e herrarias dos devoradores de padres e de freiras.

Porque tão differente d'esta a linguagem da mór parte do jornalismo liberasta de Portugal? Porque em Portugal não ha jornalismo; ha sabujismo, ha escriptores manequins, que escrevem o que lhe mandam e o que lhe pagam, porque só olham á barriga, e cheia ella não se procura saber como. O dinheiro é o deus n'este paiz, todos lhe rendem culto e outro não conhecem. Dignidade, pundonor, cavalheirismo, são palavras sem significação, e d'aqui

os latidos-ferozes contra as Irmãs da Caridade, soltados dos barracões do pescado d'Aveiro, soltados por meia duzia de mastlins com a escudella vasia e com a barriga a apertar-se, a apertar-se, porque não querem procurar trabalho, porque desejam a vida do parasita, e quem sabe até, se as migalhas do hospital que nos consta chegavam para a engorda de alguém, antes que as boas Irmãs tomassem a direcção d'aquella casa de caridade.

*Elias de Sampaio.*

### Para aqui

**H**AMOS hoje satisfazer um desejo que ha tempo trazemos que consiste em dizer alguma coisa, ainda que pouco, sobre um assumpto de summa importancia para o mundo inteiro, mas, muito especialmente, para o mundo christão. É dizemos de summa importancia porque realmente o é, embora a maior parte dos homens, talvez, o considere uma bagatella.

Mas se elle é uma bagatella... devemos confessar que é uma grande bagatella, porque é uma bagatella de que depende, nem mais nem menos, do que a eterna desgraça ou a eterna ventura do homem.

Referimo-nos ao serihundo e ponderozissimo negocio da Morte, ou da boa morte e da má morte.

Começamos:

A boa morte depende, infallivelmente, da boa vida, e a má morte depende, igualmente, da má vida: assim que, com rarissimas excepções, o que vive mal, morre mal, e o que vive bem, morre bem.

E o viver bem—pense bem n'isto—é o viver segundo Christo, e o viver mal, é o viver segundo Satan: o viver bem é o viver para Deus, e o viver mal é o viver para o Diabo.

Em concluzão:

O viver bem é cada qual viver amando a Deus sobre todas as coizas, e ao proximo como a si mesmo, ou, pelo menos, seguindo, com relação ao proximo, o nosso velho «Não faças aos outros o que não queres que os outros te façam», ainda que esta sentença não é izempta d'egoismo; e o viver mal é cada qual viver sem temor nem amor de Deus ou em ilotica idolatria... amando os bens da terra como a si mesmo, e ao proximo... ao proximo como hiante faminto de quanto elle possui ou dos bens alheios.

Eis aqui em poucas e singelas palavras o que é o viver bem, e o que é o viver mal, ou de que depende uma

boa morte ou uma má morte, negocio de summa importancia a que muitos homens chamam uma bagatella, mas do qual ou sobre o qual outros dizem, apresentando um esqueleto humano:

- Onde vaes, caminhante, acelerado?
- Para aqui: não prosigas mais adiante;
- Que negocio não tens mais importante
- Do que este que te exponho aqui pintado.

- De quantos esta vida teem deixado,
- Vê que tu hasde ter fim semelhante;
- Que é para meditar cauza bastante
- Terem todos os mais n'isto parado.

- Pondera que, influido d'essa sorte,
- Em negociações do mundo tantas,
- Tão pouco consideras na da morte:

- Porém, se o pensamento aqui levantas,
- Para: porque, em negocio d'este porte,
- Quanto mais tu parares, mais te adiantas.

Quem poderá negar a verdade d'estes quatorze versos?

Nós nunca os vimos mais serios, nem mais concizos, nem mais importantes, nem mais verdadeiros. Pelo menos os ultimos dez... deverão recitar-se a toda a hora; porque, se pensarmos um pouco... vemos que tudo na terra acaba!

Tudo morre, tudo desaparece... e para sempre!

Senão vejamos, ainda que de passagem e sem ordem:

Quem é que hoje nos diz ou nos saberá dizer dos Servilios e dos Lucianos, dos Saturninos e dos Apronianos, dos Aristons e dos Octavios, dos Pastores e dos Sempronios, dos Gallienos e dos Metellos, dos Aurelianos e das Zenobias?

Que será feito das opulentas e vaidosas Chryses e das Celias Apollinaris?

Aonde estarão os Tiberios e os Constantinos, os Tzares e os Trajanos, os Titos e os Neros, os Belizarios e os Alexandres, os Tarquinos e os Dioclecianos, os Romulos e os Syllas, os Numas e os Marios, os Tyanes e os Darios?

Aonde os Democritos e os Heraclitos, os Diomedes e os Herostratos, os Teriphonios e os Hortensios?

Que será feito d'esses tão opulentos como pomposos barbaros escravivoros que engordavam as moreias domesticas a carne humana?

Aonde estarão esses outros ricos vaidosos que despendiam o valor d'um escravo na compra d'um prato para a ceia?

Aonde os Brutos e os Catões, os Diogenes e os Platões?

Que será feito dos Homeros e dos Virgilios, dos Horacios e dos Tassos, dos Ovidios e dos Ciceros, dos Pindaros e dos Dantes?

Aonde estarão os Heziodos, os Calinos, os Thyrtens, as Saphos, os Alcens, os Bacchylides, os Anacreontes?

Aonde os Isocrates e os Tacitos, os Sophocles e os Petrarchas, os Socrates e os Pythagoras?

Que será feito dos Lutheros e dos Calvinos, dos Aretinos e dos Aristippos, dos Epicuros e dos Voltaires, dos Suneres e dos Bukners... e d'outros em quem poder leve e terá sempre a morte?...

Tudo desapareceu!

Como isto é para meditar-se, como isto é serio! Tudo desaparece... e para sempre!...

Deus, Sempre, Nunca!

Eis aqui, senhores, as tres maiores palavras que o vocabulario d'um povo «verdadeiramente livre» e civilisado lhe pôde offerecer, porque

Eterno é «Sempre, Nunca! Sempre, Nunca!»

Sempre com Deus, Sempre com o Diabo: Nunca fóra do Ceu, Nunca fóra do Inferno!

E tão pouco se pensa na Eternidade!...

Pensemos na vida um pouco...  
E as paixões moderaremos:  
Só no perverso ou no louco  
A desordem acharemos...

Porque a Eternidade é uma coisa muito seria. E o homem, ainda o mais robusto, o mais sabio, o mais joven... está sempre á beira do sepulchro, porque a morte não escolhe nem excepção... motivo, certamente, porque um bom homem tinha no seu quarto de cama a seguinte inscripção em bastardo:

MORTE CERTA  
HORA INCERTA

A morte, diz o estonteado atheu e companhia porque assim lhe convem, não é mais do que uma absoluta impossibilidade de continuar a viver... que nada custa; porque, ou se morre de repente ou quando se chega a exhalar o ultimo alento já se não dá por isso... Em summa, conclue elle, a morte é a volta ou o regresso do homem ou da materia ao puro nada que antes era.

E, naturalmente, é fundado no nosso «Lembra-te, ó homem, que és pó e que em pó te has de tornar», que elle diz o que diz, e com razão; porque todo o incredulo assim pensa: o crente, porém, vê, n'essas mesmas palavras, o desprezo das loucuras humanas: isto é, vê no seu *Memento* um «Lembra-te, ó homem, que Deus te creou á sua imagem e semelhança para o amares e servires com aquelle respeito e veneração que, na verdade, os bons filhos devem aos bons Paes, e não para amares e servires as loucuras e as vaidades da terra que para nada servem, porque o que serve, o que aproveita,

o que vivifica, é o espirito», sendo que o corpo, a carne, é pó e em pó se ha de tornar.»

Ore, em presença do exposto, é obvio que o grande *Memento* do crente é, ou parece ser, uma das causas sem cauza que levam-n'o atheu a identificar-se ao mais asquerozo e insignificante animalculo da terra, por isso que vive como homem e morre como elle.

Que desgraça a sua, que modo de pensar!...

A morte é uma bagatella, diz elle, a morte não custa; mas custa, custa, que *in extremis*... tremem crentes e incredentes, fortes e fracos, bons e maus... Treme tudo!... Uns na horrida duvida—e a duvida não tem salvação—que aquella tremebunda hora lhes retalha o coração já prestes a gelar-se, outros no receio de, apesar de terem observado o mais que em si coube os preceitos de Deus, lhe não terem agradao inteiramente, porque bem sabem que

Antes soffrer o martyrio  
Do que offender o Emyrroo.

E a morte não custa, diz o atheu!...

Admittindo que haja ou possa haver alguem a quem a morte não custe ou não deva custar, esse alguem não é o atheu, não: esse alguem é o que levou toda a sua vida a fazer boas obras, a praticar a celta beneficencia em toda a extensão da palavra; esse alguem é o que aquella hora tem a consciencia de ter vivido segundo a sancta Lei evangelica, segundo a Lei de Deus Martyr, segundo a Lei das leis da terra, a Lei do Redemptor do mundo!

O incredulo identifica-se ao animalculo mais asqueroso e insignificante da terra, dissemos, e vamos dizer porque:

Um homem que sabe, como o descrente, que, apenas exhala o derradeiro suspiro, é conduzido a um lugar qualquer, e que ahi é mettido n'uma escura e funda valla para d'ahi a pouco ser terra e só terra... e para sempre... e que seus amigos, por a sua descrença, se ficam rindo do seu desaparecimento e passeando sobre a sua sepultura; um homem que, finalmente, d'isto vive convencido ou d'esta bagatella, perguntamos, não será o ente ou o enticulo mais desgraçado da terra e, simultaneamente, o animalculo mais asqueroso e insignificante d'este mundo?!

Se o não é, parece-o.

Ah descrença, descrença!...

A vida não é o que pensas, e a morte não é o que cuidas...

A vida não é nossa; pertence a Quem nol-a concedeu ou nol-a deu temporariamente, e a morte é um convite pelo qual Deus nos chama a lhe darmos estreita conta do uzo que d'ella fizemos.



O LAGARTO DE CAPUZ

Assim o ensina a Igreja, assim o entende e o crê o verdadeiro sequaz de Christo.

Larga pois, ó descrente, as vaidades humanas que para nada servem... e,

«Se o pensamento aqui levantas,»

Serve a Deus como deves, porque é certo que

N'este mundo de torturas...  
Além da crença de Cima,  
Tudo ao Nada se approxima,  
Porque tudo são loucuras:  
Toda a guerra, toda a paz,  
Termina por «Aqui jaz.»

Ricos, pobres, sabios, tolos, novos, velhos... tudo cael! E de novo pôde escapar-se, mas de velho não ha noticia.

Tudo morre, tudo passa!

E alli os ricos são iguaes aos mendigos, e os mendigos são iguaes aos ricos!

E os ricos... lá vão com toda a sua opulencia, e os mendigos com toda a sua miseria.

E alli os orgulhosos e os soberbos são iguaes aos humildes, e os humildes são iguaes aos orgulhosos e aos soberbos!

E os orgulhosos e os soberbos... lá vão com toda a sua soberba e com todo o seu orgulho, e os humildes com toda a sua humildade.

Se alguém nos perguntasse o que era o homem, dir-lhe-íamos que era um composto de espirito e materia, contra a opinião de Bukner, ou do *sancto atheu da força e da materia* do snr. Gomes Leal, e responderíamos bem, mas perguntaremos:

O que é o homem material? O que o maior e o mais soberbo imperador da terra?...

Nada! Nada!

Além da vida, n'uma campã fria,  
Que resta ao homem da loucura humana?  
A fria cinza que alli jaz sombria,  
Extinctas sombras d'esta vida insana!

*Um ledor da descrença.*

## SECÇÃO LITTERARIA

### Meus versos

PREMIO DE UM MANUSCRIPTO

Scintillações tremeluzentes, rapidas,  
que um astro, á noite, desparziu alem;  
vagos aromas, ignorados, tímidos,  
que em longes ermos, não sentiu ninguém!

Canticos frouxos, que uma fada aerea,  
ao meu ouvido, vem dizer, murmura;—  
no ermo e noite de escondidas paginas,  
vivei—aquí,—a vossa vida obscura!...

*Mattos Ferreira,*  
prior em Cintra.

## A Caridade

(VERSÃO DO HESPAÑHOL)

Ha uma deusa de cabello loiro,  
Tão alva a fronte como a neve pura,  
Que, sobre a terra, laureada de oiro,  
Ao mundo inspira celical ternura.

Seu doce accento tal brandura encerra  
Que ao torpe avaro o coração domina:  
Do Ceu baixara para amar na terra  
E amando exerce sua missão divina.

Estalma diva que surri mimoza,  
Ao ver da terra o doloroso pranto...  
Do Ceu descera angelical, bondosa,  
A mitigal-o com seu terno eucanto...

Ella entra alegre na mansão do pobre  
Que rindo geme na fatal miseria;  
Mitiga a dor que, terna mãe, descobre  
E anima a todos com bondade etherea.

Ao seio acolhe, em sancto affecto acceza,  
O tenro infante, cuja mãe impia  
A' rua atira, por manter-se illeza...  
Embora atada a bacchanal orgia!

Ella se encontra na cruenta lucha  
Aonde impera a mais cruel vingança,  
Levando ás prezas da manobra astuta  
Almo conforto, carinhoza esperança.

Ella é a vida do que rindo chora,  
Conforto, amparo, dos que choram rindo;  
Ella é Aquella que o soffrer minora  
A todo aquelle que surri carpiundo...

Oh doce virgem, protectora diva,  
Aonde fulge teu benigno manto...  
Lá brota a Fé que ao coração captiva  
E ao mundo enxuga o doloroso pranto!

Eu te bemdigo, Caridade amiga,  
Bondoso archanjo de eternal candura!  
Ao teu officio o canto meu instiga,  
Comtigo quero remontar-me á Altura!

22—7—88.

*A. d'Almeida.*

## SECÇÃO NECROLOGICA



Estão de luto dois amigos nossos e da nossa Revista, os R.<sup>mos</sup> Reitor de Moreira de Conegos, Padre Laurentino José Dias, e Padre Diniz Antonio Dias, pelo fallecimento d'um irmão. Dan-

do os sentimentos aos nossos bons amigos pedimos uma prece por alma do finado.

## Agradecimento

Os abaixo assignados agradecem muito penhorados a todos os R.<sup>mos</sup> sacerdotes que assistiram aos funeraes de seu irmão e sobrinho, Belemente José Dias, realisados no dia 31 de agosto na igreja de Moreira de Conegos, tributando a todos a mais profunda e eterna gratidão.

*Padre Laurentino José Dias.*

*Padre Diniz Antonio Dias.*

*Padre Francisco Antonio Dias.*

## RETROSPECTO DA QUINZENA

### O NOVO ANNO

COMO os nossos leitores viram do prospecto que acconpanhou o n.º 15, o preço da assignatura do *Progresso Catholico* no 11.º anno, passa a ser de 800 reis, em vez de 600 que até aqui tinha. O augmento da materia que vamos dar (16 paginas de romances moraes em cada n.º) a isso nos obriga. Felizmente, louvores sejam dados a Deus por isso, uma grande parte dos nossos leitores tem manifestado o seu contentamento pelo melhoramento a introduzir, e alguns até nos tem declarado que o preço da assignatura de vera ser de 15000 reis, e que ainda era baratissimo.

E' certo isso, mas para muitos será pesado dar mais que 800 reis, e aquelles que podem dar mais, deixamos-lhe o direito de dar o que lhe parecer, a título de—PARA AJUDA DAS DESPESAS DO «PROGRESSO CATHOLICO»—o que de bom grado acceitamos, e muito agradecemos, porque se os sacrificios tem pesado só sobre alguém, bom é que agora sejam distribuidos por todos os que podem, que são muitos.

Muito agradecemos nos sejam enviadas as novas assignaturas antes de sair o 1.º numero, porque pode acontecer como no corrente anno, que, quando muitas chegaram, já não foi possivel satisfazel-as, por não haver os numeros saídos. A tiragem é só de tantos numeros quantos forem os assignantes, por que como já não podemos formar col-

lecções, por falta dos annos 1.º, 7.º e 10.º, não podemos tirar de mais.

Aos que ainda não pagaram suas assignaturas pedimos a graça de o fazerem com brevidade.

Chegaram-nos noticias das ruidosas festas que em Villa Cova, no concelho de Fafe se fizeram ao SS. Coração de Jesus nos dias 15 e 19 do passado mez d'agosto. Foi um delirio, um enthusiasmo nunca visto por terras do concelho de Fafe, esse com que os povos de Villa Cova e freguezias visinhas receberam a nova imagem do Divino Coração, que, atravez os campos verdejantes e por entre a copa frondente dos arvoredos, caminhava abençoando aquelle povo, prostrado á sua passagem, e seguindo-a entoando canticos festivos, espargindo flores e atroando os ares com o estampido dos foguetes que annunciavam aos povos das serras visinhas que ia reinar em Villa Cova o Coração de Jesus.

A imagem, bellamente esculpurada no Porto, foi conduzida da igreja de Travassós para a de Villa Cova, no dia 15, acompanhando a varias irmandades e confrarias e um grupo de cincoenta meninas vestidas de branco e tocadas de rosas, que cantavam o formoso hymno do Coração de Jesus, felto expressamente para esta festa, cuja lettra damos em seguida:

Cantemos uma era nova  
Que novas bençãos conduz:  
Vai reinar em Villa Cova  
O Coração de Jesus.

Vem-nos o amante extremo  
Trazer as graças a fluz:  
Vem-nos paz, doçura e gozo  
No Coração de Jesus.

Rico é o solo que tem do ouro  
Funda veia que seduz;  
Mas é mais rico o thesouro  
Do Coração de Jesus.

Bello é o jardim onde a aurora  
E o sol mil flores produz:  
Mais bello é o povo que adora  
O Coração de Jesus.

Enfeitemos nossos lares;  
Surja entre palmas a cruz:  
Sejam as almas altares  
Do Coração de Jesus.

Sõe em Lysia a feliz nova  
Que esta ventura traduz:  
Vae reinar em Villa Cova  
O Coração de Jesus.

E reina em Villa Cova o Coração de Jesus! O auctor da lettra, um amigo nosso e patricio, dos que mais honram a terra que lhe foi berço, e dos que não menos opulentam a litteratura patria com seus escriptos, soube, com os seus versos ao Coração de Jesus, enthusiasmar os povos de Villa Cova, a ponto de não cantarem outra cousa, pelos caminhos, nos campos, em casa. em toda a parte, se não o hymno do Coração de Jesus.

No domingo 19 teve lugar a festividade ao SS. Coração, constando de missa solemne, a grande instrumental, exposição do SS. Sacramento todo o dia, sermão pelo nosso amigo e distinctissimo orador sagrado Padre Antonio Joaquim da Silva, terminando com um solemnisimo *Te-Deum*.

Escusado é dizer que de manhã se realisára uma imponentissima communhão geral, numerosissima, approximando-se da sagrada meza centenaes de pessoas.

Os nossos parabens aos dois jovens sacerdotes José Maria da Silva Peixoto e Custodio da Cunha, entusiastas promotores do culto ao SS. Coração de Jesus, não os recusando tambem a todos os demais que os ajudam n'esta campanha santa, n'este espalhar da luz por entre as trevas que escurecem ainda os povos dos nossos campos.

Foi tambem imponente a festa que ao SS. Coração de Jesus se fez no Mosteiro do Souto, no dia 12 de agosto. Nas vespersas, por todas as igrejas em volta de Souto se preparavam os fleis para a grande communhão geral que se projectava em Souto. e no dia marcado, era de ver, descendo as encostas dos montes, crusando os caminhos em todas as direcções, ranchos de aldeãs, com os seus vestidos de festa, encaminhando-se para o Mosteiro do Souto, para tomarem parte do magestoso banquete em que o corpo sacratissimo do nosso Divino Redemptor se ia dar a tantas almas inflamadas no fogo do amor de Deus.

Precedera a festa um triduo, a que presidira o nosso amigo e illustrado sacerdote do Alto Minho, Padre Carvalho, sendo este o orador no dia da festa. A Communhão foi numerosissima, como costumam ser todas as que se fazem em Souto. Assistimos alli a uma ha dois annos, e, para mostrar o quanto foi numerosa, basta dizer que o primeiro cantaro de agua que foi para a sacristia não foi bastante. Ora sabendo-se a agua que toma cada pessoa ao commungar, fica-se sabendo que tal é o numero de fleis que o nosso amigo

Prior do Mosteiro do Souto faz approximar da meza eucharistica.

S. Ex.ª Rv.ª o Snr. Arcebispo de Braga vae fundar uma officina de artes e officios para educação e ensino de creanças pobres e abandonadas. Parece que o bondoso Prelado convidára o Rv.º Padre Sebastião de Vasconcellos, fundador e director da Officina de S. José no Porto, para inaugurar os trabalhos da projectada casa de educação e ensino.

Muito folgamos com uma tal noticia, e mais ainda por ella nos dar a certeza de que o nosso amantissimo Prelado fará uma officina moldada pelas que fundára o grande apostolo D. Bosco, que serviram de molde á de S. José do Porto. Só assim é que se podem admitir as taes officinas, porque são escolas de artes e officios, mas tambem e principalmente, escolas de moral christã, ensinamentos das altas virtudes do christianismo. E' o que são as officinas de D. Bosco, é o que é a Officina de S. José do Porto, é o que será a Officina creada pelo Ex.º e Rv.º Snr. Arcebispo de Braga.

Bem haja S. Ex.ª Rv.ª pelo bem que vae fazer á Archidiocese a que tão sabiamente preside.

Diz-nos o nosso collega da cidade eterna, *A Correspondencia de Roma*, que «Sua Santidade, com Breve de 16 de julho, instituiu uma nova decoração que será conferida a todas as pessoas que mais se distinguiram em zelo e dedicação provendo e auxiliando as grandes manifestações de fé e de adhesão á Santa Sé e ao Pontifice na occasião do Jubileo Sacerdotal. A decoração tem a forma de medalha octagonal com uma cruz no meio, ornada com os lizes e cometas do brasão da familia Pecci, tendo d'um lado a effigie do Summo Pontifice e do outro as armas pontificias e a inscripção: *Pro Ecclesia et Pontifice*. A medalha pende d'uma fita de seda vermelha com lista branca e amarella nas extremidades.»

Cumprimentamos o nosso bom amigo, distincto jornalista e destemido soldado da causa catholica o Ex.º Snr. Bernardino José de Senna Freitas, ao dar-lhe os parabens pelo restabelecimento do incommodo soffrido. S. Ex.ª já no dia 2 foi ao Sameiro render graças á SS. Virgem, tendo depois um jantar no Bom Jesus, offertado pelos seus numerosos amigos.

Mais um milagre operado em Lourdes, n'essa montanha santa para onde se dirigem todas as vistas, onde estão presas todas as atenções, onde se tem quebrado grandes rochas de incredulidade, onde a fé se tem fortalecido, onde tantas lagrimas de consolação teem banhado o lugar privilegiado onde a SS. Virgem se dignou apparecer á innocente pastorinha dos Pyreneus.

Mais um milagre a registrar:

«Uma senhora hespanhola. D. Maria Octavia R. . . , sobrinha da condessa V. . . , quando esteve ha poucos dias em Lourdes, escreveu o seguinte: «Durante oito annos padeci vertigens tão fortes, que me privavam do conhecimento.

«Varios medicos de Madrid e de Paris não me poderam curar.

«Em 1887 vim a Lourdes, communquei. bebi da agua milagrosa, e lavei a cabeça com ella em 10 d'Agosto, festa de S. Lourenço, e fiquei repentina e completamente curada. Este anno vim cumprir a minha promessa de gratidão e offerer um donativo á celestial Senhora em testemunho do meu agradecimento.»

Vá uma noticia aos de Aveiro que não querem Irmãs da Caridade, a ver se elles aprendem a ser homens do seu seculo ou se continuam a viver nos seculos das trevas e da tyrannia.

Conta o *Voltaire*, jornal francez. mas do puro radicalismo, que em Ismalia se fizeram grandes festas ao ser inaugurado um hospital, mandado edificar pela Companhia do Canal do Suez. O *Voltaire*, depois da narração que faz da cerimonia diz: «QUE O CUIDADO DOS ENFERMOS FOI CONFIADO ÁS IRMÃS DE S. VICENTE DE PAULO, PARA CUIA PIEDADE NÃO HA ELOGIOS SUFFICIENTES; ACCRESCENTANDO QUE É EM HONRA DAS DITAS IRMÃS DA CARIDADE. QUE Á PRAÇA ONDE SE ERGUE O HOSPITAL, SE DEU O NOME DE PRAÇA DE S. VICENTE DE PAULO.»

Que nos dizem a isto os insignificantes figurões de Aveiro, e todas as insignificancias que ha por esse reino fora e que berram para as Irmãs da Caridade?

E' das *Novidades*, folha politica de Lisboa, a seguinte noticia, que reproduzimos com prazer:

«O sr. D. João Maria do Amaral e Pimentel, bispo de Angra do Heroismo, tem despendido, desde que foi para Angra, (e não para Angola, como teem dito alguns jornaes) com varias egrejas dos Açores, hospicios de caridade, e

algumas familias pobres, a quantia de 18:700\$000 réis.»

Não é o *Progresso Catholico* que dá a noticia; é um jornal liberal e por tanto insuspeito. Offeramos a noticia aos inimigos do venerando Prelado Angrense, para que conheçam até onde chega a caridade de S. Ex.ª R.ªª

Por falta de espaço não publicamos ainda hoje a SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA e ILLUSTRADA, o que esperamos fazer no proximo n.º, querendo Deus.

Que é isto, snr. Joaquim Martins de Carvalho?! Que estranhas noticias nos trazem as gazetas! Como se pode explicar o que se vae passando por esse mundo fora!

Pois não nos dizem as gazetas que o imperador da China mandára distribuir aos missionarios catholicos residentes em Pekim a importante somma de 240 mil francos, uns 43 contos de reis aproximadamente! E isto em testemunho da sua soberana satisfação!

Que é isto, snr. Joaquim? Quererá o imperador da China vir com um exercito de missionarios civilisar Portugal e ensinar os nossos deputados a estimar e a querer os missionarios catholicos?

Que é isto, snr. Joaquim? Como explica V. Ex.ª estas cousas!

Mais ainda, snr. Joaquim.

Não ha muitos dias que sahiram de Barcelona, com destino ás Filipinas, doze padres jesuitas, destinados a reforçar a brilhante colonia de missionarios que evangelisam no Mindanao.

As pessoas que se foram despedir a bordo dos novos missionarios jesuitas, retiraram admiradas da alegria e apostolico entusiasmo de que estavam possuidos os filhos de Santo Ignacio.

No mesmo vapor foram doze padres Dominicos hespanhoes, que se dirigem á Concluir seus estudos.

E de cá que se manda para civilisar os nossos irmãos d'alem-mar?

Manda-se empregados publicos, porque Portugal é o paiz dos empregados!

Em Valladolid (Hespanha) vae em breve construir-se um edificio destinado para convento de Religiosas Dominicanas, sendo as despezas feitas á custa de uma piedosa e respeitavel senhora.

Por Hespanha ainda se fazem conventos, ou antes, já se fazem; em Portugal, como não está tudo ainda arrazado, ainda se derrocam.

Cousas d'este mundo!

O órgão que ha pouco se estreiou na egreja de Santo Ignacio, em Roma, diante dos musicos mais afamados da cidade dos Papas, é uma das maiores maravilhas que n'aquelle genero se conhece. Compõe-se de 38 registros, 3 teclados e 2:400 canudos. Imita perfeitamente a mais bem organizada orquestra.

J. de Freitas.

## ANNUNCIOS

### O MEZ D'OUTUBRO

CONSAGRADO A

### NOSSA SENHORA DO ROSARIO

Traduzido do italiano sobre a versão franceza do Conego Mallos

PELO PRESBYTERO

### MANUEL FRANCISCO DOS SANTOS PEIXOTO

Examinador pro-synodal do Bispado d'Angra, Pregador regio, Vigario da Parochial da Villa de S. Sebastião na Ilha Terceira, etc., etc.

PARA USO DOS SEUS PAROCHIANOS

Approvado, recommendado e indulgenciado pelo Ex.ª Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, pelos Ex.ªs Rev.ªs Srs. Arcebispo de Braga e Bispos de Angra, Funchal, Lamego e Nilopolis.

1 volume de 256 paginas 200 reis.

Com linda capa de percaline 300 rs.

FRANCO DE PORTE

## Regulamento do registo parochial

annotado por M. L. Coelho da Silva, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, socio do Instituto da mesma cidade, professor do Seminario do Porto e Chancellor do Bispado—1 vol. 8.º de 150 pag. —400 réis.

A' venda, franco de porte, nas principaes livrarias, nos escriptorios de negocios ecclesiasticos e no escriptorio do auctor. Porto, rua do Sol, n.º 39.